

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

Campus Guarulhos/Pimentas

EFLCH – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

Relatório da Oficina “é na cidade que se movimenta (?)”

Subprojeto de Ciências Sociais

“Ensino de Ciências Sociais, Linguagens e Tecnologias de Comunicação”

Prof. Dr. Orientador: Henrique Parra

Bolsistas: Aline Franco, Danielle Regina, Fernanda Sales, Guilherme Stoner, Julia Figueiredo e Mariana Nunes.

Profs. Supervisores: Marlene Rodrigues e Guilherme Stoner

Danielle Regina de Oliveira

Guilherme Stoner

Guarulhos

2013

ÍNDICE

1. Introdução

2. Projeto de Intervenção

2.1. Apresentação da Proposta

2.2. Oficina

3. Considerações Finais

Relatório sobre a Oficina “é na cidade que se movimenta (?)”

Danielle Regina de Oliveira

Guilherme Stoner

1. INTRODUÇÃO

Este subprojeto de Ciências Sociais da Unifesp foi realizado em parceria com a Escola Estadual “Profª Maria Aparecida Rodrigues” localizada no Bairro dos Pimentas, região onde também se encontra a EFLCH. Esta interação foi importante para que a licenciatura das Ciências Sociais dialogasse com a realidade local e fomentasse perspectivas tanto para seu projeto político pedagógico e na experiência da docência entre seus bolsistas, além de intervir nas práticas escolares do ensino público.

Em linhas gerais, este subprojeto teve como objetivo principal experienciar o Ensino de Sociologia inserido na prática escolar enquanto uma ação de articulação do tripé ensino-pesquisa-extensão da universidade pública, mediante a prática da *pesquisa-ação*¹ junto aos(as) educandos(as). Assim sendo, a ideia foi fomentar e experimentar práticas de ensino que desembocam em intervenções prático-educativas na escola discutindo o **engajamento** juvenil, formas de expressão com as novas tecnologias de comunicação e produção do conhecimento por esses(as) educandos(as).

A duração da implementação do projeto teve 12 meses, nos quais foram divididos em dois momentos: 1) formação prática e teórica; diagnóstico e 2) elaboração e realização do projeto de intervenção na escola.

Essa divisão foi necessária para que pudéssemos, em um primeiro momento, nos conhecer enquanto sujeitos e coletivo, perceber a especificidade e cotidiano escolar da escola parceira, ter novas referências sobre educação e prática extensionista através da aproximação com coletivos experientes nessas áreas e formação com novas tecnologias para o ensino.

¹ De acordo com o texto *Pedagogia da Pesquisa-Ação* de Maria Amélia FRANCO (2005): “(...) a pesquisa-ação, estruturada dentro de seus princípios geradores, uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.”

Desse modo, tendo esse espaço de reflexão e conhecendo concomitantemente a escola, contribuiu para que nosso diagnóstico tivesse a incorporação de aspectos que não fugissem a realidade escolar, mas que também pudesse trazer elementos para além do que já estava posto nesta instituição. O movimento entre teoria e prática foi, Dialeticamente, o nosso grande exercício para a realização desse projeto, dialogando com a prática escolar já existente e tentando incorporar e recriar essas práticas.

Todo o processo foi coletivo e colaborativo, as reuniões para pensar as atividades de intervenção foram incessantemente discutidas e trabalhadas com todos do grupo, o que trouxe o diferencial dessa oficina, e que acreditamos que para todo o resto do projeto. Os diálogos e as críticas feitas conjuntamente nos permitiu tanto uma unidade entre os objetivos de todas as oficinas, para que pudéssemos ter uma *identidade pibidiana* na escola, como também de possuir a especificidade e diversidade de cada bolsista culminando na pluralidade das ações planejadas.

Foram ao todo três oficinas temáticas que tiveram como público duas séries do segundo ano e uma série do terceiro ano, ambas do Ensino Médio. As intervenções seguiram a grade curricular do Ensino de Sociologia respeitando o planejamento escolar dos(as) docentes desta disciplina. Esta decisão foi tomada para que o PIBID não assumisse papel descolado do planejamento pedagógico da escola e também para pensar as ações de acordo com a realidade que milhares de professores e professoras da rede de ensino público estão inseridos. Assim as oficinas poderiam de alguma maneira corresponder ao cotidiano escolar e ser multiplicado em diversas instituições escolares sem grandes problemas como acesso a material, duração das atividades e espaço a ser realizado.

De maneira geral, o diagnóstico realizado na escola e seus agentes foi de que a estrutura hierárquica e de autoridade escolar limita, muitas vezes, a relação entre funcionários, direção, docentes, estudantes e conhecimento escolar. Na medida que as relações não são horizontais e que não há o estabelecimento da gestão coletiva tanto do espaço, como dos projetos de aula e outras atividades pedagógicas, isso tudo converge para uma separação, do espaço e das relações, pautada em questões de ordem e obediência e no enrijecimento de espaços físicos como sendo deste ou daquele agente. Assim sendo, a sala de aula como lugar predominante dessa relação precisaria ser recriada e repensada enquanto espaço mais criativo para a dinâmica escolar. Diante

disso foi que pensamos nas oficinas enquanto encontros experimentais para pensar o cotidiano escolar e o ensino de sociologia.

Nesse sentido, este relatório vai expor a estrutura dessa experiência em dois momentos: primeiro, apresentar de forma sucinta o processo de elaboração coletiva, formação com coletivos e intelectuais parceiros e o diagnóstico escolar; segundo, expor a proposta da oficina e relatar os encontros juntamente com o contexto de atuação. Ao final anexamos todo o material produzido por nós e pelos(as) estudantes, assim como nossa ementa final e a produção audiovisual realizada por eles(as). Após esta apresentação e relatos tentaremos avaliar e fazer uma reflexão sobre a prática que desenvolvemos e os resultados que vislumbramos.

2. PROJETO DE INTERVENÇÃO

Ao apresentar o projeto da oficina teremos que relatar, mesmo que rapidamente, como foi o processo de elaboração desta ação, uma vez que a formação inicial com os coletivos, que trouxeram experiências já realizadas, serviram de inspiração para as oficinas além das discussões coletivas entre bolsistas, o professor Supervisor e o professor Orientador do projeto.

Foram três encontros de formação com experiências sobre georreferenciamento e produção coletiva de mapas (Luciano Onça e Eder Camargo); pesquisa social, educação e intervenções político-estéticas no espaço público (Joana Zatz) e; procedimentos de pesquisa e práticas de interação com a paisagem urbana (Euler Sandeville). Ao longo dos encontros tivemos também a formação para utilização de ferramentas online como plataformas de redes sociais alternativas (plataforma *wiki* e rede social <http://n-1.cc>), além do desenvolvimento de um *blog* (<http://pibid.milharal.org>).

Cada encontro buscou apresentar e introduzir novas formas de pensar o território, produção do conhecimento e produção artística. Além de apresentarem as propostas de alguns coletivos urbanos em que já tiveram sucesso ao implementarem alguns projetos tendo como objetivo principal a lógica da pesquisa-ação.

No primeiro encontro foram convidados os professores Luciano Onça e Eder Camargo que explanaram sobre experiências de construção coletiva de mapas e georreferenciamento. Essas experiências utilizam como ferramentas o *Google Maps* e

outros recursos no intuito de organizar uma ação como metodologia (frase confusa...falta algo). Esta ação é realizada por meio da cartografia que representa um exercício político de reflexão sobre o espaço. O georreferenciamento por sua vez vincula o banco de dados construído no espaço geográfico, e incorpora outros dados na internet a partir de ferramentas como, por exemplo, o *Crowdmap* ([link](#)). O exercício político de planejamento possui três fases metodológicas que são: a definição o objeto de estudo, o planejamento e a ação. Nesta formação ficou claro que o conhecimento atrelado ao território ganha novo impulso político, uma vez que a produção da pesquisa é localizada diante da cidade e das inúmeras realidades que estão situadas na grande metrópole.

O projeto de pesquisa de Joana Zatz é sobre a “catracalização” da cidade. Termo este que serve para analisar os diversos pontos na cidade entre o público e o privado por meio do controle de algumas entidades e autoridades da cidade. O projeto mostra as formas de politização e de socialização que perpassam o micro e o macro poder. A apresentação de Joana Zatz explana a metodologia utilizada para a pesquisa e para a produção do conhecimento. A produção de conhecimento vai além do tradicional papel, lousa e sala de aula, e se estende para outras linguagens como o vídeo, foto, pintura e a ação direta. É nesse ponto que há relação com as atividades do PIBID. Essa produção de conhecimento segue um modelo metodológico que possui vários pontos de análise do objeto de estudo. Exemplificaremos estes pontos de forma sucinta. O primeiro ponto é a situação real do objeto de estudo; o segundo é a identificação do objeto; a terceira é projeção que esse objeto possui perante a mídia; a quarta é a elaboração do projeto em si. A partir desse momento ocorre o que a pesquisadora chama de instante inaugural, o momento do *brainstorm* em que o grupo de pesquisa elabora a forma de atuação no real tendo em vista o objeto de estudo. Seguindo, o quinto ponto diz respeito à inscrição do fato na mídia (objeto transformado); o sexto é a proliferação da resistência, ou seja, após a repercussão do fato transformado na mídia, como se dá a continuidade do projeto; e sétimo é a situação real transformada no qual há conscientização dos atores que presenciam e convivem com o objeto de estudo.

O professor Euler Sandeville da FAU-USP realizou o terceiro encontro junto com os alunos participantes do PIBID. O tema de sua oficina diz respeito às experiências partilhadas por meio da paisagem. Para Sandeville a paisagem só adquire forma, consistência e significado para as pessoas que vivem em seus lugares. Para

entender a paisagem de um lugar é preciso relacionar-se com os habitantes do local. As paisagens possuem fundamento relacional, ou seja, nas relações entre as pessoas. Portanto só pode ser pensada num conjunto, conforme as relações sociais e o modo de habitar o mundo. O conjunto a ser pensado diz respeito às ações, organizações, representações e poéticas (visão de mundo) presentes nos habitantes que fazem parte do local no qual esta sendo realizado o estudo. O modelo metodológico sugerido pelo professor Euler possui três pontos de análise. O primeiro ponto é o que o professor denomina como vivente, ou seja, o ponto de vista do pesquisador, dos sujeitos que estabelecem estratégias, e como será o procedimento de imersão no campo. O segundo ponto diz respeito ao mundo. São as experiências compartilhadas entre os habitantes e o pesquisador por meio da dialogicidade e da observação participante. O terceiro ponto é sobre o(s) conflito(s) no momento de análise do estudo. Este ponto permite ao pesquisador qualificar os dados recolhidos diante da complexidade não dual do estudo, ou seja, as fontes e métodos são definidos pela situação. Portanto, as paisagens são compartilhadas, mas não harmônicas por serem conflituosas e políticas.

Desse modo, as discussões que fizemos aglutinaram alguns elementos fundamentais que caracterizam esta oficina: princípio da pesquisa-ação; reflexão sobre o território urbano/mapeamento; práticas pedagógicas e estéticas na produção do conhecimento junto aos estudantes sobre sua realidade e a relação do humano com a transformação de sua paisagem.

2.1. APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

Esta oficina teve como tema “movimentos sociais”, parte da súmula curricular do Ensino de Sociologia no Estado de São Paulo. Este tema apresentado de forma genérica e meramente conceitual, a qual é a proposta dos cadernos desenvolvidos pela Secretária Estadual de Educação de São Paulo, pouco colabora para que os estudantes compreendam a importância da teoria sociológica para pensar as práticas sociais em que estão envolvidos. No caso desse projeto de oficina a ideia foi mobilizar as teorias sociais de maneira que dialoguem com a realidade em que os estudantes estão imersos, mais do que isso, a proposta é problematizar e causar o estranhamento daquilo que lhes parece comum.

Dessa forma, o esforço da oficina foi trazer para o universo estudantil uma proposta que mobilizasse o conceito de “movimentos sociais” articulado ao contexto histórico atual brasileiro, a memória individual e coletiva de cada estudante e a estrutura da sociedade de classes. Para tanto, foi escolhido como objeto-problema o Movimento Passe Livre (MPL)². Esta decisão teve sua justificativa na perspectiva de que é um movimento da juventude e oriundo do movimento estudantil secundarista. Sua demanda social é o transporte público o qual todos os estudantes possuem conhecimento empírico em comum, por discutir território e por ser um movimento social urbano.

O intuito foi criar uma perspectiva pedagógica que escapasse a aula tradicional, por isso a escolha de trabalhar no formato de oficina, em que a teoria trabalhada se transformasse em algum tipo de material artístico desenvolvido pelos estudantes. Essa diferença, mesmo que tênue, foi importante. O formato “aula” frequentemente apenas desenvolve a assimilação dos conteúdos e não mobiliza atividades de criação sobre os temas explorados, levando o estudante a se tornar mero repositório de conceitos (Freire, 1992). Partindo desta perspectiva, optamos pelo formato de oficina uma vez que prioriza a produção criativa e coletiva do saber-fazer por todos os envolvidos no processo. Assim, nossa prioridade era de que os estudantes produzissem algum material em relação às discussões e teorias que foram compartilhadas na sala de aula, o que significa, em última instância, a produção do conhecimento realizado por eles.

Dessa forma, a proposta da oficina foi a produção audiovisual, feita pelos estudantes, sobre a realidade do transporte coletivo e a relação com o MPL. Além disso, o que foi explorado no campo conceitual foram as noções de *classes sociais*, *luta de classes*, *Estado*, *democracia*, *mobilidade urbana* e *cidade*.³

2.2. OFICINA

A oficina teve duração de quatro encontros o que totalizava oito aulas regulares de 50 minutos cada. Foi desenvolvida com a turma do 3º A no período da manhã nas duas primeiras aulas da grade de horários. A quantidade de estudantes era de aproximadamente 30 estudantes e formaram-se três grupos de trabalho para a oficina. Para melhor compreensão iremos relatar cada encontro detalhadamente:

² A escolha de explorar a experiência do MPL foi anterior à eclosão dos protestos e no seu desenvolvimento coincidiu com a jornada de lutas do movimento, elemento que vai ser relatado pelo seu grau de importância no andamento do projeto.

³ Os objetivos teóricos e práticos encontram-se detalhados no Anexo 1 que é a ementa da oficina.

1º Dia

No dia 22 de maio realizamos a segunda etapa no projeto de intervenção promovido pelo PIBID em conjunto com a Escola Estadual “Profª Maria Aparecida Rodrigues”. Nesta intervenção contamos com a supervisão do Profº Guilherme e trabalhamos com uma sala do terceiro ano do ensino médio do período matutino.

A sala escolhida foi o 3º A. Esta sala possui algumas particularidades em relação aos outros “terceiros”. O 3º A possui bom rendimento escolar, boa parte dos alunos realizam atividades extraescolares (boa parte trabalha no período vespertino ou frequenta outro curso como ETEC ou curso de línguas), e são alunos ativos na vida escolar e política. Foi esta sala que promoveu o ato em favor da greve dos professores da rede pública estadual, realizado no dia 02 de maio, e que também estão envolvidos na formação do grêmio estudantil na escola. Alguns alunos acompanharam a greve dos professores e compareceram em algumas assembleias realizadas na Av. Paulista.

O Profº Guilherme já havia apresentado o conteúdo escolar para a matéria de sociologia sobre “Movimentos Sociais” desde o início das atividades do segundo bimestre. Essa intervenção do PIBID foi ministrada tendo como base o conceito sobre “Movimentos Sociais” já apresentada pelo professor.

As aulas de sociologia do 3ª A são ministradas às quartas-feiras nas duas primeiras aulas, das 07h:10min às 08h:50min. As aulas do período matutino são “dobradinhas”, ou seja, duas aulas seguidas, o que facilita o trabalho do professor em sala de aula uma vez que existe a possibilidade de trabalhar temas da disciplina de forma mais aprofundada. Ao chegar à sala, a aluna do PIBID – Danielle é apresentada ao grupo de estudantes. Em seguida falamos sobre o projeto e iniciamos as atividades. A aluna Danielle do PIBID entrega filipetas e propõe uma tarefa para os alunos: os alunos deveriam formar três grupos. Cada grupo recebe três filipetas com as identificações sobre: ESTADO, CIDADANIA e MOVIMENTOS SOCIAIS. O grupo deveria escrever em cada filipeta, palavras que remetem a cada um desses conceitos. Foi oferecido dez minutos para a execução da tarefa. Enquanto os alunos realizavam suas atividades, montávamos os equipamentos para a apresentação de algumas fotografias sobre o MPL – Movimento do Passe Livre. Desta vez não tivemos nenhum imprevisto e conseguimos, com sucesso, apresentar o conteúdo preparado para a aula (anexo dia-1).

Tempo esgotado e os alunos devolvem as filipetas para nós. Colamos as filipetas na lousa e escrevemos as palavras que os alunos apontaram em referência aos três conceitos propostos. Ao colarmos as filipetas na lousa identificamos, novamente, a palavra CORRUPÇÃO em referência ao conceito de ESTADO. Todos os três grupos indicaram a mesma palavra. Portanto, para a maioria dos alunos, o Estado é sinônimo de corrupção, aquele que não cumpre com os deveres e direitos do cidadão. A palavra corrupção tornou-se importante para uma reflexão posterior sobre o conceito.

Com as filipetas coladas e as palavras escritas na lousa, começamos nossa explanação. A Danielle explana sobre o conceito de MOVIMENTOS SOCIAIS exemplificando os diversos movimentos existentes no Brasil. Foi apresentado aos alunos o MOVIMENTO PASSE LIVRE. A aluna do PIBID explana sobre a história e a atuação do movimento nas cidades. A seguir, falamos sobre o conceito de CIDADANIA e ESTADO. Articulamos as palavras CIDADANIA, DIREITO E MOVIMENTOS SOCIAIS, explanando cada conceito e exemplificando com fatos do cotidiano dos alunos. O intuito era de fazer com que os alunos pudessem apresentar definições de senso comum, como informação compartilhada, sobre as palavras CIDADANIA, DIREITO E MOVIMENTOS SOCIAIS. Uma vez apresentada as definições de senso comum pelos alunos, desconstruíamos e explanaríamos os conceitos do ponto de vista da sociologia.

A participação dos alunos em sala foi ativa. Diversos questionamentos foram levantados, fazendo com que explanássemos sobre os conceitos de classe social e luta de classes de Karl Marx, e o conceito de Estado segundo Max Weber. Diversos alunos participaram da discussão mostrando interesse na oficina e comentando sobre suas experiências na atuação política.

Propomos para a próxima aula uma tarefa para os alunos. Cada grupo deveria registrar por meio de fotografia, a trajetória destes entre a residência – trabalho – escola. Foi estipulado o limite de cinco fotografias para cada grupo. Essas fotografias serão apresentadas em sala de aula e discutidas de acordo com a proposta da intervenção. Indicamos, também, a criação de um vídeo sobre o trajeto realizado pelos alunos na cidade por meio do transporte coletivo para a última aula. Os alunos receberam a tarefa com empolgação e discutiram logo ao final da aula as ideias que poderiam estar nos vídeos. Esta oficina foi bem sucedida, sem imprevistos e com total participação dos

alunos. Talvez por suas participações políticas nos últimos acontecimentos, principalmente a greve dos professores.

2º Dia

No dia 12 de junho de 2013 realizamos o segundo encontro da oficina do PIBID com o 3º A. Nesta oficina realizada pelo grupo dos alunos da UNIFESP, Guilherme e Danielle, foram apresentados métodos de linguagem fotográfica com intuito de aprimorar o registro de imagens para a construção dos documentários.

Na fotografia, a linguagem está relacionada as características pelos quais a imagem fotografica comunica algo. Para chegar a seu objetivo, necessita transpor um complexo processo técnico e semiótico; e é este processo que constitui a linguagem fotográfica. A base técnica da realização da fotografia relaciona-se aos elementos da linguagem. O estudo da linguagem decorre da necessidade de "dizer" alguma coisa e é proveniente de um processo de experimentação dos recursos colocados à disposição da fotografia pela técnica.

A distinção entre os planos não é somente uma diferença formal, cada um possui uma capacidade narrativa, um conteúdo dramático próprio. Na oficina explanamos sobre cada plano, usando a nomenclatura cinematográfica para, didaticamente, facilitar as definições dos enquadramentos. Os planos se dividem em três grupos principais: os plano gerais, os planos médios e os primeiros planos.

Nesta oficina, os alunos do 3ºA trouxeram suas primeiras fotos (ver anexo) e, a partir delas, discutimos as técnicas. Foi um encontro muito produtivo. Os alunos participaram ativamente, trazendo suas produções fotográficas e, fazendo perguntas em relação ao “como filmar”. Deixamos a produção fílmica de forma livre, de modo que os alunos pudessem realizar suas atividades a partir dos questionamentos teóricos sobre a mobilidade urbana, e de suas produções conforme as técnicas explanadas da fotografia. Foram feitos três grupos. Cada grupo suportaria de 05 a 07 alunos. A partir desses grupos teríamos a produção de três documentários sobre a mobilidade urbana na cidade de Guarulhos.

3º Dia

No terceiro encontro com o 3ºA tivemos alguns imprevistos como o acesso aos equipamentos audiovisuais. Dessa maneira, utilizamos a sala de vídeo da escola.

O objetivo da atividade era exibir o filme "Impasse", produzido em 2010, referente as manifestações do Movimento Passe Livre em Florianópolis. Ainda neste filme contamos com inúmeras entrevistas dentre as quais temos como foco a de Lúcio Gregori, elaborador do projeto de tarifa zero para cidade de São Paulo, durante sua participação na Secret.de Transportes no mandato da prefeita Luiza Erundina. O intuito, portanto, era apresentar a experiência do MPL em outro Estado e colocar em debate o que estava acontecendo em São Paulo recentemente.

Dessa forma, o filme foi apresentado e exibido logo em seguida. A sala assistiu sem grandes problemas. Como nossa atividade demorou um pouco para começar, restou pouco tempo para o debate.

Aberta a discussão, Danielle e Guilherme fizeram algumas falas pontuando os atos que estavam acontecendo em São Paulo e qual era a semelhança com os protestos mostrada no filme de maneira a despertar a atenção dos alunos sobre a ação policial e a ação dos manifestantes, se tinham semelhança ou não, como era aqueles manifestantes, etc.

Assim, os estudantes fizeram os relatos dos protestos de São Paulo e como entendiam a ação policial: no geral, eles repudiaram a atitude da policia em relação a manifestação, de outro modo problematizaram a desigualdade no uso da força entre os civis, os quais na visão deles não representavam ameaça, e a dos policiais que agiam com extrema violência e com um forte aparato repressor como as bombas de gás.

Por fim, abrimos uma rodada de duvidas referente a produção audiovisual e/ou fotográfica que será realizada pelos estudantes.

Avaliamos que o atraso na atividade atrapalhou o debate final com os estudantes. Contudo, vamos tentar retomar o debate sobre o que foi exibido e as impressões que tiveram.

4º Dia

Desde o terceiro encontro com a turma, houve um intervalo de uma semana, pois na Escola seria relizado o "Provão" e assim não teriam as aulas regulares. Isso foi

positivo, pois os grupos tiveram mais tempo de produzir o material audiovisual que estava sendo trabalhado com eles.

O objetivo do ultimo encontro era a discussão dos trabalhos produzidos pelos estudantes tentando retomar a discussão sobre os conceitos que foram trabalhados (Estado, Movimentos Sociais, Cidadania, mobilidade urbana, direito à cidade) e articular conjuntura dos protestos chamados pelo MPL.

Dessa forma, a fim de disparar o debate sobre a conjuntura das manifestações, exibimos o seguinte vídeo "Globo e os protestos" (<https://www.youtube.com/watch?v=UiVDtWb7K48>) que fala sobre a divisão entre esquerda e direita e as mobilizações sociais. A partir de sua exibição constatamos que a maioria da sala já tinha assistido e que o vídeo foi bem recebido. O debate foi em torno das experiências que estes estudantes viveram nas manifestações e todo o arsenal teórico que discutimos ao longo das oficinas. Não houve objeção com o que foi falado no vídeo, porem muitas dúvidas sobre o apartidarismo x antipartidarismo, assim como a questão do "vandalismo", surgiram.

Assim, começamos a explorar essas dúvidas analisando o modelo de democracia representativa, algumas características da nossa ditadura militar conjuntamente com a militarização da polícia, além de sempre tentar explicitar os princípios do Movimento Passe Livre referentes à horizontalidade e apartidarismo na construção de suas ações com o povo.

Os relatos feitos pelos estudantes demonstraram que estavam preocupados com a despolitização genérica dos que saíram as ruas após o ato do dia 13 de junho, em que ocorreu a ação da policia militar de maneira mais truculenta e repressiva.

Foram apresentados os três mini-documentários (feitos por fotos e vídeos) os quais foram produzidos pelos três grupos da turma. Os vídeos tinham em comum o questionamento sobre a qualidade do transporte coletivo, problematizaram o financiamento público para as grandes empresas de ônibus, apontaram a questão da tarifa zero e além disso registraram as mobilizações de rua como apontamento para transformação desse transporte que não supre as necessidades do usuário.

Grupo 01: <http://www.youtube.com/watch?v=01jiGRNHbtA&feature=youtu.be>

Grupo 02: http://www.youtube.com/watch?v=_DwxmcjO3IQ&feature=youtube_gdata

Grupo 03: <https://www.youtube.com/watch?v=wf5m9siieQw>

Ao final da exibição dos filmes pedimos que avaliassem a nossa metodologia e todo o conteúdo que foi trocado com eles. Nas falas, os apontamentos foram que a realização do documentário foi positiva, que muitos ali nunca tinham gravado ou fotografado sua realidade e que isso foi muito pedagógico e fez com que discutissem e percebam mais sua realidade. A questão que ficou para nós educadores foi que a produção audiovisual fez com que os estudantes se engajassem mais para entender os conceitos como também há uma grande vontade por parte deles de serem protagonistas das possíveis narrativas de sua região, e que este exercício fez com que discutissem sobretudo o elemento midiático frente a toda essa conjuntura também.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa PIBID tem uma importância significativa dentro do curso de licenciatura das Ciências Sociais na UNIFESP. O PIBID possibilita aos alunos a experiência de poderem pesquisar e atuar na disciplina de sociologia para o ensino médio e no ambiente escolar. É um estímulo que integra a atuação dos graduandos, com as outras disciplinas de licenciatura, aos alunos de ensino médio, o professor supervisor e os professores coordenadores do PIBID, no intuito de proporcionar outras práticas de ensino. Para os professores supervisores o PIBID é a oportunidade de (re)estabelecer a continuidade da formação profissional e promover novos diálogos que poderão ser utilizados em sala de aula. A comunidade escolar, por sua vez, promove o diálogo entre comunidade, escola e universidade, se beneficiando dessas ações em conjunto.

No que diz respeito a esta atuação em particular, a contribuição mais significativa foi a de perceber a necessidade de aplicar outros meios de ensino/aprendizagem para com os alunos. Esses meios puderam “(...) contribuir para a democratização de saberes socialmente significativos e desenvolvimento de capacidades intelectuais (Libâneo, 1998)” e técnicas. Desde modo, ainda citando Libâneo (1998), é possível “persistir no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, a se habituarem a apreender as realidades enfocadas nos conteúdos escolares de forma crítico-reflexiva (Libâneo, 1998, pg. 16)”.

O uso das novas tecnologias teve o intuito, sobretudo, de possibilitar a oportunidade de aprender sobre os recursos multimídia interagindo com eles,

propiciando, também, para a preparação tecnológica comunicacional. , Seu uso serviu como ferramenta para assumir o ensino como mediação, ou seja, fazer com que o aluno aprenda de forma ativa com a ajuda pedagógica do professor. Ao incorporar tais ferramentas no processo de ensino/aprendizagem foi possível trabalhar com a proposta da súmula curricular do ensino de sociologia a partir da prática social. Assim como nos ensinou Saviani (1984), a prática social se fez presente como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Desse processo o método pedagógico que parte da prática social foi possível identificar as questões suscitadas pela prática social (problematização), dispondo os instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizando sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse).

Todo este processo foi no espaço escolar e no período de aulas, ou seja, em um ambiente regular de ensino. Pensamos que isso provavelmente poderia ser um empecilho para novas práticas pedagógicas e a proposição do nosso projeto. No entanto, não tivemos problemas que limitaram a oficina e avaliamos que o objetivo e nossa metodologia foram alcançados.

Porém, mesmo com nossas metas alcançadas, não podemos negligenciar que o período de planejamento que tivemos foi privilegiado. O tempo de duração e as reuniões coletivas que tivemos para pensar e elaborar a oficina foram fundamentais para que pudéssemos arranjar esta oficina, situação muito díspare daquela vivida por um professor do ensino básico que não dispõe de tempo suficiente para preparar suas aulas. Ou seja, ao passo que a oficina pode ser multiplicada no âmbito escolar com sua estrutura de espaço e tempo, uma prática semelhante para os professores tornarem agente ativo do planejamento de novas práticas não é uma realidade fácil de garantir, uma vez que seu período para o planejamento escolar não é suficiente e é sucateado por toda lógica da estrutura escolar.

De maneira geral, o PIBID nos proporcionou a seguinte reflexão e formação: a instituição escolar pode e deve ser atualizada referente a suas práticas pedagógicas e a relação de ensino-aprendizagem, os estudantes se mostraram receptivos e ativos com essa nova proposta de ensino. Todavia, há uma ressalva quanto a estrutura de controle e autoridade no meio escolar que não permite que o docente avance em termos do planejamento escolar de maneira que seja coletivo e colaborativo, de forma a realizar um projeto político pedagógico que envolva todos os participantes dessa instituição.

4. ANEXOS

- Ementa da Oficina “é na cidade que se movimenta (?)”

Objetivo teórico: A oficina visa abordar o tema dos “movimentos sociais” desenvolvendo como abordagem central de toda discussão a noção de *classes sociais* e de *luta de classes*. Conceitos clássicos da teoria social tais como *cidadania* e *direitos* serão mobilizados para situar a relação entre indivíduo e sociedade diante do papel do *Estado*. Este será discutido como agente social promotor ou não da garantia desses direitos, como também na sua forma que pode ser tanto interlocutor como repressor dos movimentos sociais.

Para tanto, será apresentado o Movimento Passe Livre (MPL) para que a reflexão sobre movimentos sociais seja desenvolvida com os educandos.

Nesse sentido, será aprofundada a questão da mobilidade urbana e direito à cidade com o MPL, além de apresentar seu conflito com o poder público e sua luta enquanto movimento social urbano. Desse modo, os aspectos gerais a serem levantados irão desembocar no problema do transporte público e no acesso à educação e sua situação atual percebida na vida dos educandos.

Objetivo prático: A partir das discussões feitas sobre os movimentos sociais será também apresentado o *fazer fotográfico/audiovisual* como construção de uma narrativa. O objetivo é desenvolver a questão da produção de imagens como construção da realidade. Com isso, a proposta é um ensaio fotográfico ou documentário audiovisual coletivo sobre a realidade do transporte público em que eles se deslocam.

Assim sendo, a formação dessa oficina pretende potencializar nos educandos seu protagonismo enquanto jovem produtor de conhecimento sobre sua própria realidade. Além disso, a ideia é contribuir para que através das narrativas da escrita e fotografia ampliem suas habilidades de criação.

Plano de Trabalho da Oficina:

Duração: quatro encontros divididos em oito aulas.

Material: Datashow, Notebook, Caixa de Som, Cartolinas, Giz, Lousa, Aparelhos que gravem vídeo e tirem fotos.

Público: Ensino Médio

Dia 1) Apresentação do Tema

Conteúdo: Neste dia será apresentado o conceito de *movimentos sociais* (discutindo classes sociais e luta de classes); *cidadania, direitos e o Estado* enquanto agente social que relaciona essas questões na sociedade de classes.

Problematizar o conceito de Movimentos Sociais e sua relação entre a classe trabalhadora e a classe dominante: conflito social que interage com a mediação do Estado Capitalista e se faz forçar pela ideia de cidadania e direitos, aqui também explorar da onde vem o termo cidadania (morador da cidade e portanto tem direitos sobre onde mora).

Introduzir o tema a partir do estudo de caso do MPL a partir da notícia de que conseguiram barrar o aumento da tarifa em Porto Alegre.

Metodologia: A turma será dividida em grupos de no mínimo seis pessoas. A partir dessa divisão, será proposto para cada grupo que escrevam três palavras que remetem respectivamente à Movimento Social, Estado e Cidadania.

As palavras serão anexadas na lousa dando início a discussão e apresentação dos conceitos.

Se for o caso, também serão apresentadas algumas frases para o levantamento da discussão e aguçar o debate e percepção dos educandos sobre o tema.

Serão apresentadas algumas fotos de diversos movimentos sociais e principalmente do Movimento Passe Livre.

Exercício Proposto: Tirar fotos sobre o deslocamento diário no transporte público. Cada grupo terá que trazer no mínimo cinco fotos para a discussão da próxima aula.

Dia 2) Linguagem Fotográfica e Movimento Passe Livre

Conteúdo: Nesta aula será desenvolvida a questão da imagem como construção de uma narrativa, o fazer fotográfico enquanto recorte e registro da realidade. Dessa maneira, irá ser abordadas noções como visão x olhar e produção fotográfica enquanto ferramenta de elaboração de conhecimento.

Além disso, será também explorado o Movimento Passe Livre e sua importância no debate sobre mobilidade urbana, transporte coletivo/público. Assim, será feita a discussão sobre deslocamento e jornada de trabalho, transporte público e direito à cidade.

Metodologia: A partir das fotos trazidas pelos estudantes, vamos fazer uma rodada coletiva lendo as imagens e discutindo: “porque você fotografou tal momento?” – “o que isso representa para você?” – “o que essa foto conta?”, “qual o trajeto está sendo feito?” etc. Dessa forma, ao passo que vamos interagindo com os estudantes e com as imagens, iremos escrevendo na lousa palavras-chave do debate de modo que consigamos sistematizá-lo. (ficou boa esta parte)

Exercício: Se for o caso, pediremos para que os grupos refaçam o ensaio fotográfico. Incentivar a produção de um mini-documentário audiovisual com as fotografias.

Dia 3) Exibição do Filme “Impasse”

Conteúdo: Exibição do filme “Impasse” (<http://docverdade.blogspot.com.br/2010/12/impasse-2010.html>) para mostrar o MPL em sua ação e seus agentes, para que a discussão não se torne de um todo abstrato e consiga aproximar os estudantes do conteúdo/prática em questão e mostrar historicamente a construção desse movimento com o movimento estudantil.

Metodologia: Apresentação do Filme e sua exibição e após isso abertura do debate.

Dia 4) Encerramento

Conteúdo: Será comentada a conjuntura atual sobre o Movimento Passe Livre e exibido o vídeo “Globo e os Protestos” (<https://www.youtube.com/watch?v=UiVDtWb7K48>) para explorar a noção de direita e esquerda nos movimentos sociais, além de discutir o papel das mobilizações de rua no debate sobre a democracia e o presente modelo de democracia em que vivemos.

Além de revisitar as ideias de mobilidade urbana, direito à cidade, movimento de juventude/secundarista e como a formação social da cidade e a luta dos movimentos sociais, focando no movimento passe livre, incidem diretamente sobre tais questões.

O material dos(as) estudantes serão também exibidos e discutidos coletivamente.

Metodologia: Exibição do filme “Globo e os protestos” e abrir a discussão para os(as) estudantes. Após isso a proposta é discutir a conjuntura atual através da experiência dos(as) estudantes que estiveram nos protestos e suas percepções e construir juntamente com eles a questão do modelo de democracia que vivemos, atuação dos movimentos sociais e papel do Estado.

Feito isso, a proposta é uma rodada de apresentação do material produzido pelos grupos. E pedir que avaliem a oficina.

Referências Bibliográficas:

KARL, Marx, & Friedrich Engels. *Manifesto do partido comunista*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Lenadro Konder. Petrópolis: Editora Vozes (1990).

LIBANEO, Jose C. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

Oficina *Elementos essenciais do transporte coletivo urbano capitalista* – Seminário Movimento Passe Livre, Salvador-BA, 2007. Acessado em 02/2013:

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/02/372104.shtml>

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. Editora Brasiliense, 1988.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Editora Cortez, 1984 (2ª edição).

Fotos:





A



Fotos da aluna Mayara Oliveira - 3ºA